

LIVROS À MÃO E OUTROS QUE NÃO

António Torrado

Os almanaques eram a minha predilecção. Li-os ao calhar, de trás para diante, do meio para trás, à procura das respostas às mil interrogações que os Lello, os Bertrand, os O Século me despertavam mais do que resolviam. Lembro o papel sépia e as letras miudinhas, apertadas em duas colunas de texto, onde cabiam provérbios, sonetos, anedotas, relatos de viagens, receitas de tira-nódoas, pensamentos de celebridades, quinquilharias científicas, fragmentos de romances.

O meu gosto por enciclopédias e a irresistível tentação de ir ler ao lado, derivam dessas leituras avulsas como um colar desmanchado de missangas.

Durante as longas convalescenças, punham-me sobre os joelhos a *Volta ao Mundo*, de Ferreira de Castro, a *História da Guerra*, de Carlos Ferrão, os *Cinquenta Anos de Vida do Mundo*, do mesmo Carlos Ferrão, volumes espessos, encadernados, tristes. “Só para ver os bonecos”, pedia eu, mas tentava decifrar as legendas das fotografias, perceber a malignidade de um tempo rente ao meu, de que já sabia o alívio dos desfechos. A minha afeição pela História Contemporânea, pelos álbuns de fotografias, pelo pó dos sótãos, onde repousam pilhas de jornais e revistas que, em última instância, consigo salvar do lixo, provem desse tempo. Os meus problemas alérgicos também...

Mas não julguem que era um menino neurasténico. Também lia os livros disponíveis para as crianças da minha condição social (“remediada”, classificavam-na os meus pais): a colecção *Manecas*, da Editora Romano Torres, os *Tonecas*, de Oliveira Cosme, a colecção *Azul*, da Condessa de Ségur, colecção que me proporcionou também os arrepiantes contos dos Grimm, de Perrault e do genial Andersen, lido e relido e seduzindo sempre. A história “A Sombra”, essa, então, perseguiu-me e sonhei-a vezes sem conta. Só dela me libertei quando escrevi a peça *O Homem sem Sombra*, inspirada num dos melhores contos da Literatura fantástica de sempre. Ah, grande Andersen, meu remoto padrinho de crisma!

Ao lado dos clássicos, lia, sem preconceito, em opusculos agrafados, as aventuras do pistoleiro Texas-Jack e as do corsário Capitão Morgan que já tinham deliciado o meu pai. Sempre gostei de piratas, de duelos chispantes, de canecas de rum que nunca provei. E esperava ansiosamente os sábados que me traziam o *Cavaleiro Andante*, como antes *O Mosquito*. Tinha a colecção toda. Uma inundação levou-a. Nunca me consolarei.

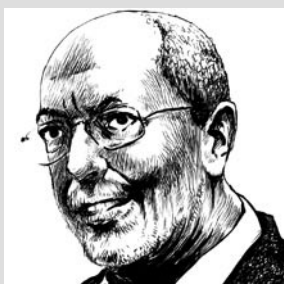
Já com alguma petulante condescendência juntava os livros da *Colecção Joaninha*, da Clássica Editora. Com dez centímetros de altura, enfiados e ordenados nos escaninhos da minha escrivaninha, faziam vista. Eram contos de Lília da Fonseca, de Noël de Arriaga, Virgínia de Castro e Almeida... Não posso cometer a injustiça de esquecer esta senhora escritora e as suas fervilhantes *Aventuras de Dona Redonda e a sua Gente* ou o *Céu Aberto e Em Pleno Azul*, estes já um bocadinho dessorados para o meu gosto de então. Os meus filhos acharam o mesmo, mas para meu desgosto lançaram por igual o opróbrio de livros anacrónicos às minhas queridas *Aventuras de Dona Redonda*. É um agente demolidor o tempo. Aproveitem, aproveitem, senhores escritores, a glória de hoje!

Da infância para a juventude fui acrescentando à minha pequena biblioteca os inevitáveis Stevensen, Deföe, Walter Scott, Charles Dickens, Poe, Júlio Verne, Alexandre Dumas e o entre todos preferido Mark Twain, isto sem subestimar os anteriores, nomeadamente o autor dos Três Mosqueteiros, dado o meu reafirmado gosto pelo tinir das espadas.

Mas, nesse então, questionava-me: se o meu pai lia com manifesto deleite, por recomendação minha, o saboroso *Emílio e os Detectives*, de Erick Kästner, por que não havia eu de ler os livros dele, trancados na estante de vidrinhos?

A sedução do proibido é um dos grandes instigadores da leitura. Quando a chave do guarda-vestidos, experimentada depois de várias outras, fez tic e os Ferreira de Castro, os Paço d'Arcos, os Eça se ofereceram à minha desmesurada gula, a febre da leitura aumentou e muito... E não há meio de me largar.

P.S. - Propositadamente em nota final, destaco o nome de alguns autores de quem guardo, nos reservados da minha biblioteca, os esfiapados livros que desde a minha infância me prestam boa e inspiradora companhia. Refiro-me a escritores como José de Lemos, António Sérgio, António Botto e o contador-mor do reino, Mestre Aquilino Ribeiro do prodigioso *Romance da Raposa*. Sinto-me um pouco afilhado deles e, vencendo o intransponível, peço-lhes a benção, padrinhos. ■



António José Freire Torrado nasceu em Lisboa, em 1939, e licenciou-se em Filosofia na Universidade de Coimbra. Pedagogo, jornalista, editor e produtor de televisão, dirigiu o Departamento de Programas Infanto-Juvenis da RTP. Ficcionalista, poeta e dramaturgo, é especialmente conhecido como escritor de livros para crianças, com mais de 120 títulos publicados, muitos deles traduzidos em várias línguas. Escreveu 366 contos para o sítio www.historiadodia.pt, com milhares de visitas diárias em Portugal e no estrangeiro.

Em 1988 é galardoado com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian pelo conjunto da sua obra. Peças de sua autoria foram, nos anos 80, destacadas pelo Júri dos Prémios Garrett. A Lista de Honra do Internacional Board on Books for Young People incluiu, em 1974 e em 1996, dois livros seus. Enquanto professor, foi afastado do ensino, em meados dos anos 60, por motivos políticos. Nos anos 70, foi autor de manuais escolares e cooperou com os Ministérios de Educação de Cabo Verde, Guiné Bissau e Angola na produção dos primeiros livros escolares destes países. No fim dessa década, participou na fundação e direcção de uma escola privada que se distinguiu pela inovação pedagógica. Tem tido intervenção na área da educação, onde se distingue “Da escola sem sentido à escola dos sentidos” (2002). Orientou cursos de formação e leccionou na Escola Superior de Teatro e Cinema. Presentemente, a valência mais marcante da sua obra é o teatro: tem visto encenadas várias peças suas, a última das quais no Teatro Nacional D. Maria II – “A casa da lenha” (2006).

Alguns livros “para” crianças e jovens

- ▶ *A Cadeira que Sabe Música*, Plátano Editora, 1976.
- ▶ *O Trono do Rei Escamiro*, Plátano Editora, 1977.
- ▶ *A Escada de Caracol*, Plátano Editora, 1978.
- ▶ *Pinguim em Fundo Branco*, Plátano Editora, 1979.
- ▶ *Joaninha à Janela*, Livros Horizonte, 1980.
- ▶ *A Chave do Castelo Azul*, Plátano Editora, 1981.
- ▶ *O Tabuleiro das Surpresas*, Plátano Editora, 1981.
- ▶ *O Pajem não se Cala*, Livraria Civilização Editora, 1992.
- ▶ *O Mercador de Coisa Nenhuma*, Livraria Civilização Editora, 1994.
- ▶ *O Veado Florido*, Livraria Civilização Editora, 1994.
- ▶ *O Adorável Homem das Neves*, Editorial Caminho, 2001.
- ▶ *Como se Faz Cor-de-laranja*, Edições ASA, 2002.
- ▶ *Os Meus Amigos*, Edições ASA, 2002.
- ▶ *Verdes São os Campos*, Campo das Letras, 2002.
- ▶ *A Nuvem e o Caracol*, Edições ASA, 2003.
- ▶ *O Elefante não entra na Jogada*, Edições ASA, 2003.
- ▶ *Doze de Inglaterra seguido de O Guarda-Vento*, Editorial Caminho, 2003.
- ▶ *Como Quem Diz*, Assírio e Alvim, 2005.
- ▶ *À Esquina da Rima*, Buzina, Caminho, 2006.
- ▶ *As Aventuras de Caidé e O Gato que Era Rei*, Civilização Editora, 2006.